

LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 NA EDUCAÇÃO BÁSICA

DANIELLE COELHO LINS

Mestre em Linguística pela UERJ.
Especialista em Surdez e Letramento
pelo Instituto Nacional de
Educação de Surdos.
Atualmente atua como
professora de português
como segunda língua
para surdos e de
literatura no INES.

DANIELE MOURA

Mestre em Estudos da Linguagem
pela PUC/RJ. Professora de
português como L2 para surdos e
de literatura no INES. Experiência
em Letras, com ênfase em ensino
de Língua Inglesa para ouvintes e
de português como segunda
língua (PL2) para estrangeiros
ouvintes e para surdos brasileiros.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho aborda a discussão sobre a aplicação de estratégias de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) no trabalho com alunos surdos da Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A referida discussão acontece no Grupo de Trabalho 03 (GT03) do XIV Congresso Internacional/XX Seminário Nacional do INES, intitulado Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica. Para tal, apresenta-se o trabalho de final de curso da pós-graduação Educação Bilíngue: uma perspectiva bilíngue em construção, do Departamento de Ensino Superior do INES (DESU) chamado Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). As conclusões do GT sinalizam a possibilidade do uso efetivo e produtivo de tais estratégias.

APRESENTAÇÃO

O GT03, intitulado Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica, teve por objetivo sensibilizar os participantes, a partir de discussões e

reflexões acerca do ensino-aprendizagem de português como segunda língua para e por estudantes surdos, apresentando comparações entre estratégias de ensino de português como LE e L2.

A fim de proporcionar um espaço democrático em que todos tivessem a oportunidade de posicionar-se diante de tantos anseios, dividimos o GT em dois momentos: no primeiro, apresentamos considerações importantes acerca do ensino de português como segunda língua e, no segundo momento, lançamos ao grupo questões referentes ao texto base Aplica-

ção de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). Importante ressaltar que, no segundo momento, foi solicitado aos participantes que formassem grupos para que juntos dialogassem e refletissem acerca das proposições. Julgamos que, dessa forma, estaríamos propiciando ao grupo um espaço de trocas e interações, uma vez que o perfil dos participantes compreendia alunos de graduação, pós-graduação, profissionais do INES e de outras instituições de ensino.

O PÚBLICO DEMONSTRAVA CURIOSIDADE EM SABER COMO AS ATIVIDADES ERAM ELABORADAS, QUAIS AS PRIORIDADES (POR EXEMPLO: O FOCO ERA NA GRAMÁTICA, NO TEXTO, ETC.), EM QUE MOMENTO ERA DESENVOLVIDO O LETRAMENTO VISUAL, DENTRE OUTRAS QUESTÕES PERTINENTES À PRÁTICA DE ENSINO. ALIÁS, O CONCEITO DE LETRAMENTO VISUAL LEVANTOU UMA EXCELENTE DISCUSSÃO, POIS ALGUNS PARTICIPANTES DEMONSTRARAM DÚVIDAS A RESPEITO DA CONCEPÇÃO E DO CONCEITO DE LETRAMENTO E LETRAMENTO VISUAL.

ARTICULAÇÕES

Os participantes do GT apresentaram muitas dúvidas e anseios quanto ao ensino de português como segunda língua para surdos, em especial no contexto inclusivo, uma vez que nós estávamos apresentando uma prática que é desenvolvida em um espaço que consideramos privilegiado, o INES, pelo simples fato de lecionarmos apenas para alunos surdos, o que não é a realidade da grande maioria dos participantes do GT. Assim, o público demonstrava curiosidade em saber como as atividades eram elaboradas, quais as prioridades (por exemplo: o foco era na gramática, no texto,

(...) OS PARTICIPANTES FORAM CONVIDADOS A DESTACAR, EM GRUPOS, TÓPICOS QUE CONSIDERAVAM FUNDAMENTAIS E IMPRESCINDÍVEIS PARA UM ENSINO NA PERSPECTIVA DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA E QUE CONTEMPLASSEM AS ESPECIFICIDADES DO EDUCANDO SURDO.

etc.), em que momento era desenvolvido o letramento visual, dentre outras questões pertinentes à prática de ensino. Aliás, o conceito de letramento visual

O FATO É QUE CONSIDERAMOS IMPORTANTE DIALOGARMOS ACERCA DAS CORRENTES E SUAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA E COMO ESSAS PODEM CONTRIBUIR NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS E EM NOSSA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

levantou uma excelente discussão, pois alguns participantes demonstraram dúvidas a respeito da concepção e do conceito de letramento e letramento visual.

No que concerne a nossa prática pedagógica e às vivências expostas pelos participantes, percebemos que muitos desconheciam as correntes de ensino na perspectiva das segundas línguas e, em alguns momentos, essa situação gerou alguns equívocos, em especial no método audiolingual, e foi preciso escla-

recer que nós não estávamos dizendo que o surdo deveria falar ou realizar leitura labial, mas apenas apresentar a respectiva corrente de ensino. O fato é que consideramos importante dialogarmos acerca das correntes e suas respectivas contribuições para o ensino do português como segunda língua e como essas podem contribuir na elaboração de materiais e em nossa prática pedagógica. Para ilustrar tais correntes, apresentamos materiais elaborados para o ensino de português como L2 para nossos alunos.

Após as considerações relativas a cada corrente de ensino e às práticas pedagógicas, eis o momento de elencar os pontos considerados importantes pelo grupo para a elaboração do relatório final do GT. Para isso, os participantes foram convidados a destacar, em grupos, tópicos que consideravam fundamentais e imprescindíveis para um ensino na perspectiva do português como segunda língua e que contemplassem as especificidades do educando surdo. A seleção dos pontos levou em consideração a relevância da temática do grupo de trabalho e questões que iriam contribuir para uma reflexão e construção críticas de estratégias e didáticas de ensino do português para a comunidade surda.

AS CONTRIBUIÇÕES DO GT

A organização através da dinâmica de Grupos de Trabalho (GTs) permite a constante troca de informações e reinvenção do indivíduo enquanto profissional. Inicialmente, pensamos em uma estrutura de apresentação e desenvolvimento do trabalho que possibilitasse a troca de conhecimentos entre os participantes. Essa decisão foi pautada no caráter inovador da pesquisa apresentada e nas variadas realidades profissionais dos indivíduos presentes. Ao longo do processo, no entanto, percebemos que precisaríamos ajustar aquilo que havia sido elaborado previamente a fim de que pudéssemos, através da própria discussão proposta, responder aos questionamentos que surgissem. A constante reelaboração do material e a abertura a questionamentos, consequentemente, contribuíram para a reinvenção de nossas estratégias de trabalho e para o abandono de quaisquer tendências a respostas definitivas sobre a pesquisa.

Diante do quadro exposto, concluímos que a opção por perguntas norteadoras foi positiva e que possibilitou a troca que almejávamos. Nesse sentido, esse tipo de dinâmica torna-se frutífero ao se pensar na arti-

DIANTE DO QUADRO EXPOSTO, CONCLUÍMOS QUE A OPÇÃO POR PERGUNTAS NORTEADORAS FOI POSITIVA E QUE

POSSIBILITOU A TROCA QUE ALMEJÁVAMOS.

NESSE SENTIDO, ESSE TIPO DE DINÂMICA TORNA-SE FRUTÍFERO AO SE PENSAR NA ARTICULAÇÃO DE SABERES ENTRE PROFISSIONAIS DA ÁREA E, MAIS ESPECIFICAMENTE, DO INES, INSTITUIÇÃO ORGANIZADORA DO EVENTO. SOMENTE

ATRAVÉS DA PESQUISA E DA EXPOSIÇÃO DESSAS PESQUISAS, PODE-SE CONHECER O TRABALHO DESENVOLVIDO.

culação de saberes entre profissionais da área e, mais especificamente, do INES, instituição organizadora do evento. Somente através da pesquisa e da exposição dessas pesquisas, pode-se conhecer o trabalho desenvolvido.

O INES é composto por inúmeros profissionais da área, como professores, intérpretes, instrutores, dentre outros, que desenvolvem pesquisas relacionadas à surdez. No entanto, justamente pela diversidade de produções e pelo tamanho do instituto, nem sempre é possível a troca de experiências entre os profissionais. É importante ressaltar que a escola tem proporcionado iniciativas nesse sentido, como realização de palestras mensalmente no Auditório. Fazem parte dessa iniciativa todos os segmentos do INES, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Ainda assim, ressaltamos o caráter positivo dos GTs na tentativa de se aumentar a troca de informações e possibilitar maior contato entre profissionais tão diversos quanto às suas experiências.

Quanto ao tema desenvolvido no GT 03, Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica, pode-se dizer que as contribuições são imensuráveis. Estabelecemos contato não só com profissionais do instituto, mas também de outras institui-

ções de ensino, muitas, inclusive, com realidades bem diversas das de uma instituição bilíngue como o INES, além de estudantes da graduação e da pós-graduação do DESU. Dessa forma, houve troca entre práticas, saberes e teorias defendidas em variadas esferas.

O tema do trabalho apresentado aborda a aplicação de estratégias de ensino de Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2), utilizadas no ensino de línguas orais no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S) (LINS, 2011). Trata-se da discussão de uma oficina aplicada a alunos do Ensino Fundamental do INES, nas aulas de Língua Portuguesa como L2. A referida oficina foi detalhadamente descrita e analisada no trabalho de final de curso, intitulado Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 orais ao processo de ensino e aprendizagem do português escrito para surdos (LINS, 2014), entregue ao programa de pós-graduação bilíngue do DESU.

Durante o GT, que pressupunha a leitura anterior do texto enviado previamente aos participantes inscritos, foram discutidas correntes de ensino de segundas línguas, como o Audiolingualismo, a Abordagem Comunicativa e o Pós-

Método. Além disso, foram tratados temas ampla e exaustivamente discutidos na educação de surdos, como o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Através da oficina desenvolvida no Ensino Fundamental do INES, foram escolhidas e aplicadas estratégias de ensino de L2 com base no Pós-Método. Em outras palavras, não foram priorizadas estratégias de um único método e/ou abordagem de ensino. No Pós-Método, o professor é livre e precisa ter a sensibilidade para perceber qual estratégia é a mais indicada em determinado momento do processo de ensino e aprendizagem, considerando, principalmente, o público em questão. Desta forma, foi possível atentar amplamente às questões pertinentes às especificidades dos alunos surdos.

A dinâmica do GT possibilitou a troca de informações e a tomada de posição dos participantes frente à pesquisa apresentada. Assim sendo, os mesmos foram capazes de refletir sobre o exposto e transpor o proposto às suas realidades. Professores de escolas inclusivas, por exemplo, puderam considerar, junto com o grupo, a aplicação das estratégias apresentadas em uma realidade que inclui alunos ouvintes e, portanto, usuários de português como L1. Foram considerados pontos

DURANTE O GT, QUE PRESSUPUNHA A LEITURA ANTERIOR DO TEXTO ENVIADO PREVIAMENTE AOS PARTICIPANTES INSCRITOS, FORAM DISCUTIDAS CORRENTES DE ENSINO DE SEGUNDAS LÍNGUAS, COMO O AUDIOLINGUALISMO, A ABORDAGEM COMUNICATIVA E O PÓS-MÉTODO. ALÉM DISSO, FORAM TRATADOS TEMAS AMPLA E EXAUSTIVAMENTE DISCUTIDOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS, COMO O ORALISMO, A COMUNICAÇÃO TOTAL E O BILINGUISTO. ATRAVÉS DA OFICINA DESENVOLVIDA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO INES, FORAM ESCOLHIDAS E APLICADAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE L2 COM BASE NO PÓS-MÉTODO.

que poderiam favorecer tanto surdos quanto ouvintes durante as aulas, como a questão do uso das imagens. Neste ponto, tornou-se possível também a articulação com a comunidade acadêmica do próprio INES. Uma das participantes, aluna da pós-graduação em Ensino Bilíngue do instituto, mencionou sua pesquisa de final de curso sobre letramento visual e sua inclusão no trabalho com surdos. De imediato, a reflexão provocou a todos e nós, pesquisadoras, buscamos, mesmo em um curto espaço de tempo, ponderar a questão em materiais desenvolvidos para alunos ouvintes aprendizes de LE/L2 e em nossos próprios materiais para que se pudessem estabelecer novas comparações e reflexões acerca de nossas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto durante as discussões, os participantes apontaram como questões imprescindíveis para uma educação bilíngue de qualidade:

1. divulgação da Libras na produção de materiais didáticos;
2. expressividade na LS;
3. aspectos visuais;

DE IMEDIATO, A REFLEXÃO PROVOCOU A TODOS E NÓS, PESQUISADORAS, BUSCAMOS, MESMO EM UM CURTO ESPAÇO DE TEMPO, PONDERAR A QUESTÃO EM MATERIAIS DESENVOLVIDOS PARA ALUNOS OUVINTES APRENDIZES DE LE/L2 E EM NOSSOS PRÓPRIOS MATERIAIS PARA QUE SE PUDESSEM ESTABELECEM NOVAS COMPARAÇÕES E REFLEXÕES ACERCA DE NOSSAS PRÁTICAS.

4. estratégias de ensino de português como segunda língua;
5. gêneros textuais;
6. função comunicativa;
7. aspectos culturais e interacionais;
8. gramática (dedução e indução);
9. avaliação (qualitativa, adequação ao gênero, interlíngua do aluno surdo)
10. letramento visual;
11. uso da imagem como pré-texto;
12. uso da imagem como pretexto;
13. ativação do conhecimento de mundo.

Todos os presentes, quando consultados sobre a importância da discussão, manifestaram-se positivamente e a favor da

inclusão dos pontos acima descritos nas aulas de PL2S. Dessa forma, seria possível avançar ainda mais nas pesquisas e contribuir com a área de forma democrática. ●

REFERÊNCIAS

LINS, D.C. Português como segunda língua para surdos (PL2S): o emprego do pronome relativo "que" em textos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio.

LINS, D.C. Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). Rio de Janeiro, 2014. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Ensino Superior, INES.